



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

CATADORAS DE SI: O CORPO COMO CANAL DE INTEGRAÇÃO

**Daniela Isabel Kuhn
Valleska Zych**

RESUMO

Este artigo versa sobre o processo de autoconhecimento gerado pela composição da personagem Maria Teresa interpretada pela bailarina Valleska Zych no espetáculo "Catadoras de si", dirigido por Daniela Kuhn. O processo de criação artística foi fundamentado na metodologia "bailarino-pesquisador-intérprete", sendo o ponto de partida uma pesquisa de campo numa associação de catadores de material reciclável. Norteados pela questão central "o que você faz com seu lixo?", o mote principal do texto são as revelações que ocorrem na prática da poética de lidar com o lixo material e o lixo "interno" da bailarina. "Catadoras de si" foi um caminho duramente e prazerosamente trilhado. Mover os lixos internos é parte do processo da vida de quem almeja o seu desenvolvimento humano. A personagem permitiu a Valleska ser uma catadora de si mesma, a mover com seu mundo interno, entender o que se passava com ela mesma, desenvolver confiança para desenlaçar o que estava interrompendo seu fluxo criativo, conduzindo-a ao estudo de suas próprias emoções.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Bailarino-Pesquisador-Intérprete. Corpo. Desenvolvimento Humano. Processo de Criação.

INTRODUÇÃO

As definições de conceitos do que vem a ser um processo de criação em arte podem apresentar contornos diferenciados, de acordo com seu contexto histórico-cultural, as intenções de cada artista em relação a obra concebida e os pontos de vista dos teóricos que definem tais conceitos. Nossa abordagem de processo de criação em arte dialoga parcialmente com a definição de Cecília Salles (1998). Uma arte do fazer, inserida em um contexto histórico, social e artístico. "Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente." (SALLES, 1998, p. 27)

Contudo, nossa postura artística difere significativamente em um aspecto da citada autora, pois Salles considera que no processo de criação artístico ocorre uma confluência das ações da tendência e do acaso. Esta ideia já havia sido tratada anteriormente por Fayga Ostrower, em sua obra "Criatividade e Processos de Criação" (1978), considerada ainda por muitos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

estudiosos uma importante referência no assunto.

Trabalhamos numa perspectiva de criação artística fundamentada numa conduta consistente, séria e comprometida com a integridade emocional do bailarino e com fundamentos artísticos na qual não existe espaço para o acaso. Os conteúdos que emergem no desenvolvimento das obras artísticas que temos criado em nossa trajetória brotam de profundas conexões com a história pessoal de cada um e com o contexto social que nos cerca, mesmo que em um primeiro momento estas relações não se revelem evidentes aos nossos sentidos.

Como estamos falando de criação em Dança, esta colocação nos parece ainda mais enfática, posto que a obra emerge e materializa-se no corpo do artista, ou seja, no lugar que ao mesmo tempo resguarda e revela quem somos. Jean-Yves Leloup complementa este argumento pois entende que “o corpo é nossa memória mais arcaica. Nele nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda.” (LELOUP, 1998, p. 15).

Isto porque trabalhamos com uma concepção de ser humano que dialoga com as abordagens que consideram cada um de nós como potencialmente integrados em suas dimensões corporal, mental, emocional e espiritual, sendo que cada dimensão citada é indissociável uma da outra. Trilhando no sentido contrário ao paradigma cartesiano, trabalhamos uma concepção de dança que parte de um pressuposto básico, a saber, o corpo resguarda os registros experienciados ao longo da vida. Este é um material de profundo significado (a memória presente no corpo) e de rica plasticidade, devido a força gerada pela carga emocional e lapidada pela metodologia escolhida para a realização do processo de elaboração do espetáculo.

O presente estudo ancora-se em autores que fundamentam esta concepção. Desta forma, este artigo dialogará com obras que sustentam o objetivo de discutir as relações entre a composição da personagem “Maria Teresa” no processo de criação em dança do espetáculo “Catadoras de si” e o processo de autoconhecimento e desenvolvimento humano gerado na vida da bailarina Valleska Zych. Neste sentido Wilhelm Reich abriu caminhos para



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

estas abordagens considerando que o corpo resguarda experiências vividas, podendo gerar rigidez muscular que “contém uma história e o significado de sua origem” (REICH, 1977, p. 255). Além de Reich, outros autores considerados são: Alexander Lowen pela continuidade do trabalho iniciado por Reich em sua proposta de bioenergética e Graziela Rodrigues por suas contundentes pesquisas sobre a relação entre a metodologia “bailarino-pesquisador-intérprete”(BPI) e os aspectos emocionais dos bailarinos.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Para contextualizar o leitor cabe realizarmos um breve relato das etapas do processo de criação. O projeto surgiu de uma necessidade pessoal e artística da diretora do espetáculo, Daniela Kuhn, em pesquisar catadores e catadoras de material reciclável. Formulou-se o Projeto de Extensão: “Do Lixo a Dança: resgate da identidade pessoal e coletiva dos catadores de material reciclável de Piraquara”, coordenado pela professora Daniela Kuhn do curso de bacharelado em Educação Física da UTFPR (Curitiba). Em seguida engajaram-se ao projeto um grupo de seis alunos do curso de Educação Física da UTFPR. Mais tarde este grupo foi reduzido a duas alunas, Luiza Santini e Valleska Zych, que participaram de todas as etapas do processo e concluíram o mesmo como bailarinas-criadoras do espetáculo “Catadoras de si”. O projeto foi aprovado nas instâncias internas da universidade e posteriormente em edital de pesquisa básica e aplicada da Fundação Araucária, contando com financiamento deste edital e também com bolsa de extensão – Ações Afirmativas para a aluna Luzia Santini.

O projeto teve como proposta a realização de várias ações além do espetáculo já citado, como a realização de um documentário e oficinas de dança e desenvolvimento humano com os catadores e catadoras da associação na qual desenvolvemos nossas atividades. Neste artigo nos ateremos a tratar do espetáculo de dança.

Alicerçados na metodologia “Bailarino-Pesquisador-Intérprete” (BPI), de Graziela Rodrigues (1997), o ponto de partida foi uma pesquisa de campo em uma associação de catadores e catadoras de material reciclável na cidade de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

Piraquara(PR). Depois de três meses de co-habitar com a fonte fomos para a sala de dança e iniciamos os laboratórios de criação, dando continuidade concomitantemente a vivência em campo.

Neste momento as duas bailarinas-pesquisadoras, Luiza Santini e Valleska Zych, guiadas por Daniela Kuhn, iniciaram um percurso de imersão nas paisagens, imagens, sensações e lembranças resultantes da convivência com as mulheres e homens da associação, com o objetivo de construir a personagem em cada bailarina que apresentariam os conteúdos-chave que viriam a gerar o roteiro do espetáculo.

Nesta etapa são propostas pela diretora dinâmicas relacionadas aos conteúdos oriundos da fonte de pesquisa, já que a “personagem emerge do Co-habitar com a Fonte e do que essa vivência despertou na própria pessoa” (RODRIGUES, 2003, p. 121). Em nosso caso, o ponto de partida foi o lixo, a relação das pessoas com este material e a poética existente nesta realidade. Nos laboratórios o bailarino sempre é a referência mais importante, o que ele vem a expressar corporalmente diante das propostas é o fio condutor das escolhas a serem realizadas.

Trouxemos para a sala de dança o principal material de nosso trabalho: lixo. Ao co-habitar com a fonte, foi marcante a forma como as pessoas do barracão se mesclavam ao lixo. Como elas ficavam camufladas, com cor e cheiro de lixo. Desta percepção - fruto das conversas, diários de campo e das primeiras experiências nos laboratórios - estabelecemos um mote central de nossos laboratórios, que foi o “corpo lixo”. Trabalhamos, por exemplo, a sensação do lixo no corpo, colocando em movimento as emoções despertadas. Deste trabalho surgiu uma questão norteadora: “o que você faz com seu lixo?”, gerando uma metáfora entre o lixo material produzido por cada um de nós em no cotidiano e o lixo interno que resguardamos em nosso corpo e que temos dificuldade em assumir, lidar e reciclar.

Neste processo inicial complementando os laboratórios de criação, foram propostos realização de desenhos e de diários escritos por cada bailarina com o intuito de auxiliar a expressar as sensações, as imagens e os movimentos vivenciados nos laboratórios.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

Os laboratórios sempre foram seguidos de feedback (conversa sobre o laboratório realizado) para que cada bailarina pudesse falar sobre suas impressões, possibilitando que viesse, aos poucos, tomando consciência de seu percurso pessoal. Este momento é primordial para que a direção possa orientar, auxiliar e apoiar as bailarinas, além de revelar dados fundamentais para o encaminhamento do processo e a elaboração do roteiro do espetáculo.

Aos poucos as bailarinas foram adentrando nos conteúdos e expressando corporalmente as emoções que deles brotavam. Após as primeiras propostas do processo começaram a emergir conteúdos com forte carga emocional e partindo dos registros expressados pelas bailarinas, da dança e do movimento que brota do corpo de cada uma, iniciou-se o delineamento das personagens.

A BAILARINA E A PERSONAGEM

A personagem brota da memória corporal da bailarina, relacionada à vivência em campo, a sua história pessoal e a partir de estímulos realizados pela diretora. Para discutirmos sobre as relações entre o “nascimento” da personagem “Maria Teresa”, vivenciada por ValleskaZych, e o processo de autoconhecimento gerado, descrevermos um dos muitos laboratórios que realizamos e que nos trazem conteúdos ricos para refletirmos.

Como anteriormente relatado, há algum tempo as bailarinas estavam sendo estimuladas a interagirem entre si a partir da sensação do lixo. Mergulhadas em papéis, embalagens, sacos plásticos, garrafas pet, brinquedos velhos, trabalhávamos os laboratórios relacionados a sensação de estar imersa no lixo e os possíveis desdobramentos desta realidade. Neste momento as personagens ainda não estavam definidas e não tinham nome. Mas algo importante começou a revelar-se, pois as bailarinas passaram a expressar uma distinção e ao mesmo tempo uma complementariedade entre as duas. Uma tinha uma certa dependência em relação a outra.

Luiza revelava uma atitude de “tomar a frente”, agir, “ganhar o dia” no meio do lixo. Ações como separar lixo com rapidez, colocar nos sacos corretos, andar, correr, eram movimentos que começavam a ser repetidos por Luiza e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

que mais tarde se revelariam como forte traço da personalidade de sua personagem, Maria Rita.

Valleska expressava no seu corpo uma necessidade de ser auxiliada - muitas vezes chegando a ser carregada por Luiza - e um certo torpor, delírio, fantasia. Por exemplo: Valleska começava a separar o lixo e em meio aos materiais encontrava algum objeto que chamava sua atenção, geralmente ligado a alguma lembrança e que a fazia parar de trabalhar (separar lixo) e começar a organizar os objetos dentro de alguma lógica mais pessoal e não para a reciclagem(que deveria ser plástico com plástico, papel com papel). Caminhava e caía. Luiza irritava-se e auxiliava.

Luiza realizava ações objetivas, Valleska estava mais conectada com movimentações relacionadas com lembranças e significados mais simbólicos. Luiza expressava movimentos mais vinculados a preocupação com “o pão de cada dia”, Valleskatinha como força motriz conteúdos emocionais oriundos de sua história.

Foi sendo construído pelas duas o que parecia uma relação entre “companheiras de rua e de lixo” e uma relação que, fomos descobrindo, havia nascido há muito tempo, na infância, em um local no interior brasileiro, numa cultura rural. Eram os primeiros traços das personagens emergindo no corpo das bailarinas. O papel da direção neste momento foi de estimular novos dados, auxiliar a afirmar aqueles que se revelavam pertinentes as personagens, deixar os conteúdos emergirem, sempre com cuidado e muita atenção ao estado emocional de cada uma.

O MOVIMENTO-SÍNTESE

Um dia, em meio de várias ações repetitivas dia após dia, e um certo “marasmo” em nossos laboratórios, a diretora viu algo significativo ocorrendo na dança de Valleska. Ela tomou em suas mãos uma sacola plástica de supermercado e começou a esticá-la com resistência em uma mão e força na outra, em movimentos opostos. Esticando, arrancando e rasgando aos poucos este plástico, seu corpo todo estava inteiro nesta ação, seu ser todo estava plenamente presente no movimento. Era um gesto essencial, repleto de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

7

conteúdo emocional. Sentada no chão com as mãos próximas ao ventre, a primeira visão da diretora foi de um cordão umbilical sendo retirado, esticado e rasgado. Uma imagem com a presença de sangue emergiu para Daniela.

Este movimento insistiu em manifestar-se no corpo da bailarina nos laboratórios seguintes e foi o momento essencial que revelou Maria Teresa, a personagem de Valleska. Aos poucos fomos decupando, trabalhando nos laboratórios, descobrindo no corpo, nos desenhos, nos feedbacks e nos diários sua história e sua dança. Este momento é muito bem explicado por Graziela Rodrigues, vale uma longa citação:

No momento em que ocorre o movimento-síntese, que está associado a uma imagem-chave, a pessoa vê dentro de si características marcantes de uma personagem em seu espaço de origem. A força emocional atribuída a esse momento de síntese, quando então o corpo fica bem delineado, corresponde ao momento em que a pessoa incorporou a personagem. A personagem não se cristaliza no corpo, a sua essência é aquela encontrada durante o movimento-síntese que propiciou a incorporação. Porém, serão necessários vários procedimentos que permitirão a sua estruturação. (RODRIGUES, 2003, 127).

Este movimento-síntese - rasgar o plástico - estava vinculado a uma forte lembrança da vida da personagem. Maria Teresa tinha um ferimento em seu coração e em seu ventre, um filho que desapareceu. Esta “semente” em forma de movimento foi elaborada como uma das cenas centrais do espetáculo “Catadoras de si”, na qual Maria Teresa, após imergir em suas lembranças doloridas e entrar em contato com a dor da perda, encontra caminhos para assumir suas feridas e buscar a possibilidade de integrar-se a si mesma, sobretudo com o contato com o que lhe é sagrado, como será detalhado logo adiante.

A essência de Maria Teresa revelada no movimento-síntese pode ser percebida em uma frase presente nos diários dos laboratórios de Valleska, na fala da personagem:

O rompimento de uma veste prepara-me para crescer e desenvolver. O cordão de ligação será cortado, não para sempre, mas para sua liberdade. Somos nós cada qual com suas vidas, provações e crescimentos. Tento lutar contra mim, mas percebo que sou fraca diante de mim mesma. Estou cansada! Preciso de mim completa.

Esta poética presente nas palavras foi dançada, trabalhada, desenhada



no corpo, por momentos desafiada. Maria Teresa estava trancafiada nas dores do passado, da perda de seu filho. Muitas vezes as lembranças pareciam delírios: o filho na maternidade que foi tirado de seus braços, a luta indignada para reavê-lo e a exaustão no final da batalha na qual nunca vencia. Mas qual a saída para a personagem? Aos poucos caminhos foram se revelando.

A PERSONAGEM PERMITE, REVELA E ENSINA

O movimento-síntese foi conquistando contornos mais evidentes e lugar no corpo. A cada dia Valleska era estimulada pela direção para materializar em sua dança as imagens e sensações relativas a personagem. Maria Teresa foi sendo vestida, com roupas e adornos trazidos e artesanalmente construídos na sua maioria pela própria bailarina e que foram desenhando quem ela era e também auxiliando a bailarina a aprofundar no conhecimento e na intimidade com sua história, seu corpo, sua maneira de movimentar, olhar, sentir, viver.

Na metodologia BPI a estruturação da personagem vai possibilitando ao bailarino vivenciar emoções que muitas vezes reprimimos. Alexander Lowen (1984, p. 33), ao refletir sobre a dificuldade que muitos de nós temos para respirar com profundidade e fluidez, considera que como a respiração cria sensações, limitamos e reduzimos os atos da inspiração e da expiração, posto que temos medo de sentir. As pessoas tem “medo de sentir sua tristeza, sua raiva e suas apreensões” (Idem). Além disto, neste processo de criação evidenciou-se que muitas vezes temos medo de sentirmos alegria, amor, plenitude, prazer. De nos permitirmos ser felizes, apesar de nossas limitações, como veremos nos ensinamentos revelados na construção da personagem aqui descrita.

Na medida em que se estimulava a bailarina a dançar a personagem, intensificaram-se os momentos nos quais uma carga emocional tomava conta do corpo de Valleska. Maria Teresa foi permitindo a bailarina vivenciar algumas dores e lembranças de sua própria história pessoal que estavam ali, resguardadas no corpo, e que afloraram em forma de movimento, emoção e choro. Este é um momento do BPI profundamente revelador da própria pessoa e da personagem. “Nos laboratórios é inevitável não se lidar com as dores do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

passado” (RODRIGUES, 2003, p. 45). Porém, é importante situarmos não estamos falando aqui de um tratamento terapêutico ou psicológico, como podemos compreender nas palavras da mesma autora:

[...]foi constatado ser também trabalho do intérprete a identificação em si mesmo dos mecanismos atuantes em seu interior, possibilitando-lhe uma auto-análise. Um espaço de trabalho que não é o espaço terapêutico, mas sim o espaço da criação artística, que se abre para a pessoa do intérprete, para o seu autoconhecimento, sem dissimulação ou camuflagem. (RODRIGUES, 2009, p. 02)

Para encaminhar a intérprete a responder questões emocionais que emergem (por exemplo, sobre lembranças dolorosas da infância) ou para lidar de forma libertadora com seus conflitos internos (como dúvidas sobre sua identidade pessoal) no processo BPI que realizamos a saída encontrou-se na história da personagem e na sua possibilidade de superar sua condição degradante e indigna. No caso de Maria Teresa seu principal “nó” emocional residia na sua dificuldade em lidar com a perda do filho, que a deixou sem eixo, gerando o torpor característico de seus movimentos, o eterno retorno e reencontro com a dor “cutucando e ensanguentando as feridas” (quase que numa conduta masoquista) e a busca desenfreada e enlouquecida deste filho. Parecia que ela não deixava o “corte” cicatrizar.

Este é um momento do processo de criação no qual a bailarina sente-se extremamente sensível e frágil pela força da carga emocional e o profundo vínculo entre a personagem, que brotou de seu próprio corpo e a relação entre o co-habitar com a fonte e sua história pessoal. Mas também é o momento no qual a bailarina sente-se encorajada a enfrentar os desafios e as dores devido a pujança e o vigor da personagem, que parece “carregar a gente pela mão”. Na tese de doutorado de Graziela Rodrigues (2009), na qual a autora reflete sobre o processo BPI tomando como ponto de partida entrevistas realizadas com bailarinos e bailarinas que participaram do processo sob a sua direção, são inúmeros os depoimentos que evidenciam este aspecto acima descrito deste momento do processo.

Foram vários os desafios da direção para compreensão de quais seriam as melhores escolhas para encaminhamento do processo, privilegiando sempre a integridade corporal-emocional de cada bailarina, lidando com conflitos,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

10

dúvidas, revelações de conteúdos emocionais, bem como momentos no qual o “vazio” parecia dominar nossos laboratórios. Foram as tentativas, os caminhos tortuosos e também os acertos da direção, somados ao empenho e ao envolvimento em profundidade de Valleska, além das descobertas que brotaram da relação entre Maria Teresa e Maria Rita, que encaminharam para que uma saída viesse a ser revelada.

O primeiro passo seria Maria Teresa entrar em contato em profundidade com a lembrança da perda. No roteiro do espetáculo trabalhou-se este conteúdo originado nos laboratórios da seguinte forma: Maria Rita, exausta em ver sua parceira de rua mergulhar e se perder no torpor de suas lembranças dolorosas, conduz Maria Teresa a adentrar e assumir o “fundo do poço”. Maria Rita coloca a amiga em grande saco de lixo, misturada ao lixo que elas mesmas haviam separado para vender e ganhar seu pão diário. Chamamos este momento de “assumir o corpo lixo”.

Maria Rita carrega em suas costas este fardo, lixo de verdade e lixo de gente. Ela recorre a origem cultural de sua amiga, relacionada ao universo rural brasileiro e no qual existia um forte relação com o sagrado, ou seja, rituais nos quais as pessoas estabelecem uma conexão com forças divinas que alimentam sua fé na vida. A cena do espetáculo simboliza que Maria Teresa é carregada pela amiga para um espaço sagrado, que poderia ser um templo, um local de interiorização e de contato com divindades, vinculado com paisagens oriundas da origem cultural de Maria Teresa.

Neste momento “Maria Teresa corpo lixo” reencontra a possibilidade de se limpar, através do contato real com a água. A água no corpo é a lembrança da possibilidade de renascer, ressurgir e purificar o que está contaminado pela dor, pela sensação de impotência diante da perda do filho e pela culpa, o que tem segurado e travado viver a vida em plenitude.

Para dar continuidade a este ritual de limpeza é necessário retirar do ventre o que ficou guardado, como carga e carne a ser carregada, pesada, dilacerante e apodrecida. A retirada é densa, sofrida, mas gera alívio e é libertadora. Agora era o momento de assumir que o filho não está mais no ventre, que sua dor pode ser retirada do corpo e que é possível, finalmente, ser



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

11

desencadeado o processo de cicatrização.

DA PERSONAGEM PARA O AUTOCONHECIMENTO

Viver a história de Maria Teresa em seu corpo, da dor profunda até a superação e cicatrização da lembrança, possibilitou a Valleska um entendimento de várias questões de sua história pessoal. De suas necessidades mais genuínas como ser humano. Sobretudo possibilitou a integração de suas dimensões citadas no início deste texto. O se que sente (emocional), é vivenciado pelo corpo (físico), elucidado pelo pensamento (mental) e enobrecido pelo contato com o sagrado (espiritual).

Enfatizamos que para vivenciar um processo que lide em profundidade com as questões mencionadas são necessárias algumas prerrogativas, que de maneira alguma são detalhes, mas condições indispensáveis para a realização da proposta do BPI. Embora não se trate do enfoque deste artigo, consideramos importante citarmos algumas delas: o bailarino deve escolher vivenciar o processo, ciente da natureza do mesmo; a pessoa que dirige tem que ter necessariamente vivenciado anteriormente e em profundidade este a metodologia BPI em seu próprio corpo; a direção tem que ser conduzida por uma pessoa que se trabalhe como ser humano, que tenha um nível de autoconhecimento desenvolvido e deve ter plena consciência de que o BPI irá mover com campos emocionais em profundidade e que cabe a direção a responsabilidade em saber conduzir com sensibilidade, respeito, sigilo, amorosidade e determinação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de criação em dança do espetáculo “Catadoras de si” trouxe para cada uma de nós, Daniela, Luiza e Valleska a oportunidade de cada uma reconhecer-se uma catadora de si. Possibilitou a cada uma estar em processo de busca de si mesma, incluindo, como na lógica do lixo, a reciclagem, o reaproveitamento de alguns aspectos, o abrir mão de outros e o revelar do potencial de alegria, prazer e felicidade presentes e pulsantes em nós.

Particularmente o processo vivenciado por Valleska, discutido neste



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

12

artigo, evidenciou que quando geramos condições para que o corpo dance de dentro para fora podemos ir de encontro com as ideias de Alexander Lowen sobre o processo de criação: “O ato criativo pode ser definido como qualquer forma de expressão que traz novos prazeres e significados a vida.” (LOWEN, 1984, p. 26)

Este processo só é possível numa abordagem de criação em dança que tenha como concepção do bailarino como um ser potencialmente integrado em suas dimensões físicas, emocionais, mentais e espirituais.

Na ciência, Descartes marcou a cisão entre corpo e mente, na dança também temos concepções e processo de criação marcados por esta fragmentação (RODRIGUES, 1997, p. 23) e que tem levado a realidade no mundo dos bailarinos a um processo de desconexão da pessoa com ela mesma, ao contrário da presente proposta. Neste sentido uma dança que busca a conexão do bailarino com ele mesmo pode ser vista na perspectiva descrita na autobiografia de Alexander Lowen ao relatar que se propôs o desafio de curar em si próprio a distância entre corpo e mente (LOWEN, 2007, p. 15). E logo adiante: “A vida contemporânea encoraja nossas cisões, enfatizando a cabeça, o intelecto, as realizações materiais. A profundidade da divisão mente e corpo na vida contemporânea é insana” (Idem, p. 18). Isto evidencia a urgência da existência de trabalhos corporais de áreas diversas que tenham uma concepção de ser humano integrado e intenção de contribuir para o desenvolvimento humano das pessoas.

“Catadoras de si” foi um caminho duramente e prazerosamente trilhado. Mover os lixos internos faz parte do processo da vida de quem almeja o seu desenvolvimento humano. A personagem permitiu a Valleska mover com seu mundo interno, entender o que se passava com ela mesma, desenvolver confiança para desenlaçar o que estava interrompendo seu fluxo criativo, conduzindo-a ao estudo de suas próprias emoções (RODRIGUES, 2009, p. 05). Assumir sua catadora interna para fazer dela uma prática de viver. É com a dança e as palavras de Maria Teresa que aprendemos:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

13

HOJE ENCONTREI UM PODER DE TRANSFORMAÇÃO!

Senti que dentro de mim há vários bichos que me atormentam e preciso libertá-los para poder me libertar. Tenho um poder de aproximação e faro aguçado. Posso andar por onde quero. Posso fazer e pensar o que quiser. Posso conseguir o que quero. Tenho um poder grande para a transformação e somente eu tenho este poder sobre mim. Ninguém mais.

Este é mais um trecho retirado do diário de laboratório de Valleska, do dia 29 de setembro de 2009. Maria Teresa desperta em nós o desejo: oxalá cada um de possa seguir encontrando caminhos para se construir como uma pessoa mais integrada consigo mesma e dona de seu próprio poder pessoal de transformação.

.....

REFERÊNCIAS

- LELOUP, J. **O corpo e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 1998.
- LOWEN, A. **Prazer: uma abordagem criativa da vida**. São Paulo. Summus, 1984.
- LOWEN, A. **Uma vida para o corpo: autobiografia de Alexander Lowen**. São Paulo: Summus, 2007.
- OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.
- REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- RODRIGUES, G. **Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.
- RODRIGUES, G. **O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o Desenvolvimento da Imagem Corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método**. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003.
- RODRIGUES, G. **As paisagens do corpo revelam Imagens da existência**. Anais da V Reunião Científica de Pesquisa em Pós-Graduação em Artes Cênicas, São Paulo, 2009.
- SALLES, C. **Gesto inacabado: processo de criação em arte**. São Paulo: Annablume, 1998.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

KUHN, Daniela Isabel; ZYCH, Valleska. Catadoras de si: o corpo como canal de integração. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

14

.....

AUTORAS

Daniela Isabel Kuhn/ PR – Professora do curso do curso de bacharelado em Educação Física da UTFPR. Possui formação em Dança, licenciatura e bacharelado em Dança pela UNICAMP, Mestrado em Arte/ Artes Corporais pela UNICAMP, cursando doutorado em Tecnologia e Sociedade no PPGTE/ UTFPR.

E-mail: kuhdaniela@hotmail.com

Valleska Zych/ PR – Bacharel em Educação Física pela UTFPR. Cursando especialização em Psicologia Corporal na categoria pedagógica no Centro Reichiano, Curitiba/PR. Professora de Capoeira Integrada no Espaço Vitruviano.

E-mail: valleskautfpr@hotmail.com

